

Metáforas, Poder e Esporte: aproximações relacionais no cinema

*Fábio Soares da Costa*¹

*Janete de Páscoa Rodrigues*²

Resumo

Esse estudo discute transversalizações entre esporte, política e poder, presentes no filme *Invictus* (2009), que aborda a relação entre o *rugby* e o presidente da África do Sul, Nelson Mandela. No estudo exploratório percebeu-se que esse esporte foi empregado como instrumento colaborador no processo de combate ao *apartheid* no país africano, contribuindo para a manutenção das novas relações de poder instauradas a partir da década de 90 do século XX. Na análise, relacionou-se as metáforas subjetivas (GOATLY, 1997) nas falas do personagem de Nelson Mandela, contextualizando-as com o enredo da trama. Concluiu-se que o *rugby*, enquanto esporte, foi empregado como fator agregador entre as pessoas, como um instrumento de manutenção hegemônica do poder político, além de agir como elemento formador de identidades nacionais e mecanismo de mobilização das massas naquele país.

Palavras-chave: Esporte. Poder. União.

Metaphor, Power and Sports: relational approaches in cinema

Abstract

This study discusses mainstreamings between sport, politics and power, in the film *Invictus* (2009), focusing on the relationship between the rugby and the president of South Africa, Nelson Mandela. In the exploratory study was realized that this sport was employed as a contributor element in the process of fight against Apartheid in the African country, contributing to the maintenance of the new power relations brought from the 90s of XX century. The analysis was related to the subjective metaphors (GOATLY, 1997) in the statements of the character of Nelson Mandela, contextualizing them with the plot of the story. It was concluded that rugby as sport, was employed as an aggregating factor among people, as a hegemonic maintenance instrument of political power, in addition to acting as a formative element of national identity and mobilization mechanism of the masses there.

Keywords: Sport. Power. Union.

¹ Mestre em Comunicação pelo PPGCOM a Universidade Federal do Piauí – UFPI. Docente do Curso de Educação Física da Faculdade do Médio Parnaíba - FAMEP. fabiosoares.com@hotmail.com

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Profa. do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPI e do DEF/UFPI. janetepascoa@yahoo.com.br

Introdução

O esporte se relaciona historicamente com o poder político, as organizações sociais e o agir humano. Diversos são os episódios que nossa memória histórica pode buscar alicerçando a assertiva que o espetáculo esportivo é transversalizado pelo poder econômico, político e pela vida societária, influenciando significativamente o desenvolvimento de representações simbólicas presentes em diversas práticas sociais, dentre as quais destacamos a política.

Manuel Castells (1996) já apresentava o problema de como espetáculo esportivo e poder político estão conectados em contextos sociais, estruturados, inclusive em rede, e potencializados pela mídia. Por isso, a sociedade contemporânea suscita inúmeras reflexões quanto a esse contexto em que a complexidade das relações entre esporte e política nos faz perceber a importância dos atos comunicacionais no desenvolvimento desse processo. Daí a opção por estudar as metáforas linguísticas no filme *Invictus*, que apresentam como esporte e política produzem, concomitantemente, aparente união entre povos, mas também a reestruturação e a manutenção do poder político vigente na África do Sul nos anos da década de 90 do século XX.

A observação do uso das metáforas na película analisada, e com maior ênfase, das metáforas subjetivas apresentadas por Goatly (1997), nos ressaltou o interesse sobre a importância dos processos comunicacionais no desenvolvimento político de uma nação, inclusive quando a força motriz comunicacional é o esporte. Nesse filme, Nelson Mandela foi apresentado como presidente da África do Sul, em que, subjetivamente, a construção de suas ideias, opiniões e mensagens, foram voltadas para abordar a confluência entre os temas esporte e *apartheid*. Todavia, uma abordagem crítica se faz necessária quando percebemos que a manutenção hegemônica do poder vigente também é pretensão do personagem central.

Por *apartheid*, usamos o conceito desenvolvido por Buarque (1993) em sua obra, “O que é apartação”, em que percebemos que esta é uma expressão adotada legalmente em 1948 na África do Sul para designar um regime no qual os brancos detinham o poder e os povos restantes eram obrigados a viver separados dos brancos, de acordo com regras que os impediam de ser verdadeiros cidadãos. Esse regime foi abolido em 1990, por Frederik de Klerk, culminando com eleições livres realizadas em 1994.

Ao analisar as características do esporte apresentado no filme, o *rugby*, é inevitável considerar a sociabilidade contemporânea e a localização central ocupada pela comunicação e informação no emolduramento da sociedade do capital e da informação em que vivemos, sobretudo, a partir da perspectiva de espetáculo. Dessa forma, o que Guy Debor (1997) apresenta sobre a sociedade do

espetáculo é condição nuclear desse estudo, pois põe em discussão o espetáculo e a contemporaneidade política, que é central no enredo do filme.

A comunicação possui um importante papel em nosso cotidiano, pois é um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos (FRANÇA, 2001, p. 15). Usamos a linguagem para nos comunicar, expressar nossas ideias e opiniões, apresentar nossos sentimentos e experiências, usando, inúmeras vezes, as metáforas para atingir os objetivos e afirmar nossos discursos.

Como recurso estilístico, a metáfora é muito utilizada na literatura como dispositivo imagético, imaginativo e poético, que faz uso da linguagem figurativa, sendo importante para a compreensão do mundo e da linguagem. Para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é utilizada como forma de abrir os caminhos para a fala do enunciatário, que a usa no sentido de tornar sua enunciação mais atraente e de soar belo. Sua eficiência é possível a partir do uso de palavras significativas do ponto de vista semântico e que promovam uma profundidade reflexiva.

Essa pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, apresenta a importância do uso de metáforas pelo protagonista do filme *Invictus*, o presidente sul-africano Nelson Mandela. É um estudo que aborda a utilização da metáfora como linguagem comum, por meio de declarações que orientam o desenvolvimento cotidiano daquele país, servindo ao contexto político para manutenção do poder vigente via união entre povos e instauração da derrocada do *apartheid*.

Isso pode ser observado pelos ditos de Palumbo (2006, p. 45)

[...] a metáfora é uma escolha do falante de acordo com suas intenções e posições assumidas. O uso dela pode colaborar, juntamente com outras formulações linguísticas, no processo de (re)construção do referente textual e, consecutivamente, direcionar o auditório a certas conclusões. Ou seja, a metáfora ganha força argumentativa no contexto (linguístico, situacional, cognitivo), pois leva à presença do interlocutor certas associações, ancoragens; em outras palavras, instaura-se um 'laço' entre os objetos de discurso introduzidos ou retomados, os conhecimentos linguísticos e de mundo compartilhados e a situação interativa.

Assim, como afirma Lenz (2011), o uso metodológico de estudo das metáforas é válido e útil, pois esse recurso linguístico é uma ferramenta poderosa na política, servindo de instrumento de legitimação de líderes políticos e conformadora de práticas sociais cotidianas.

A Metáfora

O primeiro conceito de metáfora a considerar é encontrado na *Arte retórica arte poética* (ARISTÓTELES, 1964, p. 304) que considera metáfora como o uso do nome de uma coisa para

designar outra. Para o autor, metáfora é: “a transferência ou a transposição para uma coisa do nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para o gênero de outra ou por analogia.”

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é usada como recurso da linguagem para tornar a comunicação mais compreensível dentro de um determinado contexto sociocultural, o que nos faz pensar como a língua vem se tornando cada vez mais onipresente em nosso cotidiano. Por isso, abordamos como recurso metodológico as metáforas identificadas nas falas do personagem Nelson Mandela, representado pelo ator Morgan Freeman, no filme *Invictus*.

Apesar do pioneirismo e reconhecimento científico de Lakoff e Johnson (1980) quanto às abordagens a respeito de metáfora, neste estudo, utilizamos as conceituações de Goatly (1997), sobre esse recurso linguístico. Para o autor, metáfora ocorre quando uma unidade de discurso é utilizada para se referir não convencionalmente a um objeto, processo ou conceito. A metáfora é a expressão da compreensão de um conceito em termos de outro, em que existe alguma similaridade ou correlação entre os dois. Nesse entendimento, metáfora pode ser considerada como um mapeamento a partir de um domínio de origem para um destino domínio.

Para Goatly (1997), existem oito tipos de metáfora que, em maioria, foram identificadas nas narrativas do personagem Nelson Mandela no filme *Invictus*: a) **Metáfora ativa** é aquela onde o relacionamento entre o motivo principal e modificador se dá pela relação variável entre o veículo (referente não convencional) e o tema específico (referente convencional), de acordo com o contexto. Ex: Você é meu tesouro; b) **Metáfora passiva** é aquela em que o tema é referido diretamente através de um referente convencional e sentido fixo, ou seja, tema e o veículo estão em paralelo, em condições normais e previsíveis. Estas metáforas podem provocar uma resposta afirmativa ou negativa. Ex: O silêncio responde a sua indignação pelo fato ocorrido; c) **Metáfora subjetiva** é a descrição da metáfora, quando o sujeito falante tem uma visão ideológica diferente da das ideias do ouvinte. Neste tipo de metáfora a voz ativa do texto/fala apresenta outro pensamento/representação de defesa de seus ideais. Ex: Aquela prova de matemática representa a minha vida; d) **Metáfora mimética** é aquela que se estende via expressão não verbal, em que além de texto linguístico, as visualidades impressas no contexto ajudam. Estas metáforas induzem os leitores e espectadores a imaginar o mundo em que as afirmações são ditas verdadeiras. É importante salientar que neste tipo metafórico a interpretação é diferente do tipo normal de interpretação metafórica. Ex: A foice e o martelo da bandeira representam a sua luta; e) **Metáfora fenomênica** é aquela em que há o uso de uma linguagem específica, própria do mundo imaginário, para se referir à linguagem real. Geralmente é aplicada em textos fictícios, pois são anômalas à realidade cultural local. Desta forma,

se o texto é fictício, então será a consistência para um mundo imaginário. Ex: A rainha das amoras amanheceu linda no pomar; f) **Metáfora de Precisão** é aquela em que o veículo e o tema estão extremamente relacionados. Ex: O grito de um gato desesperado e amedrontado naquela noite era meu irmão após o terremoto; g) **Metáfora Simbólica** é um tipo particular de substituição da interpretação. Ex: Não conte os pintos antes de serem chocados; e h) **Metáfora Aproximada** que é uma espécie de metáfora que usa expressões aproximadas para descrever uma ação ou objeto. Ex: Os terroristas explodiram a ordem. (Grifos nossos)

O *Rugby* como Esporte Espetáculo

Para Guy Debord (1997, p. 30), a “[...] mercadoria ocupou totalmente a vida social [...]”. A partir desse paradigma percebemos os espetáculos esportivos intimamente relacionados aos processos de mercadorização da vida em sociedade. Assim, o pensador francês situacionista e pós-marxista caracteriza esse contexto tendo como referência a Europa desde a década de 60 do século XX, como uma sociedade do espetáculo, uma forma contemporânea do capitalismo, caracterizada pela intensidade nos processos comunicacionais e de convergência da informação, telecomunicações e informática. De Debord (1997) emana uma crítica radical a todo e qualquer tipo de imagem que leve o homem a uma passividade em relação ao capital, que demonstre uma recepção dominante quanto aos sentidos ofertados por essa sociedade espetacularizada, onde a realidade vivida se tornou uma grande representação, um decalque, sobretudo, mediada pelos meios de comunicação de massa.

Abordar as relações entre o real e o imaginário também nos interessa nesse estudo, pois as imagens assumem um lugar primordial no nível das representações sociais e esse aspecto fundamenta a indústria cinematográfica mundial. Para Debord (1997, p. 18): “O espetáculo, como tendência a fazer ver (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como sentido privilegiado da pessoa humana”.

A abordagem de Guy Debord nos remete a uma possível reflexão de que as imagens quase sempre ocupam o lugar de destaque nos meios de comunicação de massa e, da mesma forma que outros tipos de discursos sociais, participam da reprodução, transformação e manutenção das representações que as pessoas fazem e das relações identitárias definidoras de uma sociedade.

No filme *Invictus*, percebemos que o espetáculo proporcionado pelo campeonato mundial de *rugby* representou algo que foi além das imagens, o contexto esportivo do filme apresentou a “[...] relação social entre pessoas, mediada por imagens [...]” (DEBORD, 1997, p.14). Nessa perspectiva, cremos que as imagens percebidas em espetáculos esportivos se fundem com a vida comum dos espectadores. Nesse processo de espetacularização do esporte, o cotidiano é preenchido por

representações simbólicas extraídas da contemplação, da curiosidade, da novidade imagética, como parte indissociável e construtora da realidade, como mediação das representações sociais.

Não podemos deixar de considerar as limitações da proposta de sociedade do espetáculo de Debord (1997), todavia esse fundamento teórico acrescenta o entendimento das relações de poder entre esporte e política apresentadas no filme. Aliado a esses postulados, não devemos esquecer das mediações e da midiaticização crescente, que fortalecem as defesas do autor.

Como reforço desses encadeamentos epistemológicos que procuram transversalizar as relações entre esporte, espetáculo e a política, observamos as defesas de Schwartzberg (1978, p.1). Para o autor,

[...] o espetáculo está no poder. Não mais apenas na sociedade. De tão enorme que foi o avanço do mal. Hoje, nossas conjecturas já não têm como único objeto as relações do espetáculo e da sociedade em geral. Como as tecia Guy Debord em 1967. Agora é a superestrutura da sociedade, é o próprio Estado que se transforma em empresa teatral, em 'Estado espetáculo'. (Grifo do autor)

Schwartzberg (1978) analisa o conjunto de fenômenos contemporâneos e o funcionamento anterior da política, tomado quase sempre de modo idealizado. Para o autor, a relação entre espetáculo e política no contexto de uma sociedade estruturada por redes e ambientada pela mídia inaugura o pensamento da “mediapolítica”, onde a espetacularização do poder político e da política se define pela assunção, sem mais, de uma inevitável lógica produtiva da mídia, sempre impregnada e comandada pelo entretenimento, sobre a política, desvirtuando seu ser. E parte desse fenômeno contemporâneo é identificado no cinema, com os filmes.

***Invictus*: O Filme**

Invictus é um filme lançado em 2009, classificado como drama biográfico, baseado nos eventos esportivos, políticos e sociais da África do Sul em ocasião do Campeonato Mundial de *Rugby* de 1995, realizado em meio aos processos de desestruturação do *apartheid* (sistema de segregação racial estruturado e mantido naquele país até 1990), culminando na eleição do líder político Nelson Mandela, em 1994, que obteve apoio da maioria étnica negra.

O filme é uma inspiração literária de John Carlin (2009) a partir de sua obra, Conquistando o inimigo: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul. A película foi lançada nos Estados Unidos em 11 de dezembro de 2009 e apresenta um presidente sul-africano que toma posse em meio a dificuldades para consolidar a fim do *apartheid* e a enormes diferenças entre negros e membros da minoria branca, politicamente dominante no país. Apesar da declaração do fim do *apartheid* e a

eleição de Nelson Mandela como presidente do país sul-africano, o filme mostra que o sonho de igualdade entre as duas etnias ainda deveria percorrer um longo caminho. Em uma das cenas iniciais observamos que garotos brancos e negros, separados por uma rua, praticam esportes diferentes, tanto na forma quanto em condições estruturais (campo, material esportivo e indumentária), demarcando espaços de distinção social, denotada de forma marcante pelo esporte (*rugby* – esporte de brancos; futebol – esporte de negros). Contudo, Mandela é apresentado com uma iconicidade singular frente à população negra do país, inclusive a dos meninos pobres, que o ovacionam e gritam seu nome como um grito de ordem.

Após passar décadas no presídio *Robben Island*, Nelson Mandela elege-se Presidente da África do Sul e tem como principal desafio o de equilibrar as aspirações sociais de negros e brancos. Mandela é apresentado como um observador astuto que logo percebe significativo distanciamento cultural-esportivo entre sul-africanos e *africaners* (denominação dada aos ingleses colonizadores que vivem na África do Sul). O presidente também percebe o relacionamento hostil entre seus seguranças negros e brancos no início do novo governo, todavia, a principal preocupação de Nelson Mandela era combater mazelas mais urgentes no país, como o aumento da criminalidade e o desemprego. No entanto, mesmo em meio a essas demandas sociais, o filme mostra um presidente que gostava de esportes, especialmente de *rugby*, e que, certo dia, ao assistir um jogo dos *Springbocks* (equipe que representa o país, formada predominantemente por atletas brancos), reconhece que a forma como são apresentados os *Springbocks* (por sua história, jogadores, e até mesmo as suas cores) representa prejuízos ao fim do *apartheid*, pois a imagem que está impregnada nas mentes dos negros sobre aquela equipe ainda é segregatória.

Um fato marcante no filme é a iniciativa do presidente de intervir no processo de mudança do nome, do emblema e das cores da equipe nacional. Obteve sucesso e com isso objetivava a emissão de mensagens subliminares de que aquele time poderia ganhar o apoio de negros sul-africanos e ter sucesso na Copa do Mundo que o país sediaria em 1995.

A partir deste momento, nos diálogos entre Nelson Mandela e François Piennar, capitão da equipe, são identificadas muitas metáforas em meio às tentativas de convencimento, inspiração, persuasão e motivação para o sucesso na competição por vir. Observamos isso quando, ao convocar Piennar para uma conversa sobre o que o capitão realizara para motivar, inspirar e incentivar os demais atletas a alcançar resultados positivos. Nesse diálogo, Mandela indaga e relata:

“Como inspirar os que estão perto de nós? Na ilha de *Robben*, quando as coisas ficavam muito ruins eu achei inspiração em um poema vitoriano. Só palavras. *Palavras meu jovem que me faziam levantar quando eu queria ficar deitado*. Precisamos de

inspiração François, porque para erguer essa nação nós todos temos que superar nossas próprias expectativas”. (Grifo nosso)

Por fim, relata ao jovem jogador o poema *Invictus*, escrito pelo poeta inglês William Ernest Henley em 1875, que serviu de companheiro para Mandela na pequena cela quatro da ala B de *Robben Island* onde passou 18 dos 27 anos que esteve preso.

As dúvidas foram muitas a respeito do uso do esporte para unir a nação dilacerada por cerca de 50 anos de tensões raciais, pois para muitos negros os *Springbocks* simbolizam a supremacia branca no país, e se recusavam a apoiar a equipe, que possuía apenas um jogador negro, que se machucara e se encontrava afastado dos jogos.

As mudanças capitaneadas pelo líder sul-africano começaram pela promoção de uma maior interação entre jogadores e a população, com visitas a campos de várzea da periferia de Johannesburgo, e com a recuperação do jogador negro, que voltou a jogar. Mandela usou uma camiseta dos *Springbocks* em público para mostrar o seu apoio, essa iniciativa gerou aplausos a Mandela em um estádio repleto de brancos, aumentando também o interesse da população negra pelo sucesso da equipe de *rugby*, que apesar de desacreditada, foi à final da competição contra os *All Blacks* (Equipe representante da Nova Zelândia) considerados invencíveis, vencendo-os.

A película foi dirigida por Clint Eastwood, e tem como principais personagens o presidente sul-africano Nelson Mandela (Morgan Freeman), e François Piennar (Matt Damon), o capitão dos *Springbocks*, a equipe da união do *rugby* sul africano.

Subjetividades Metafóricas

A audiência cuidadosa do filme proporcionou a identificação de algumas metáforas nos diálogos que contribuíram para a análise de como estas orientam a organização e manutenção do poder político naquele extrato temporal. E aqui relacionamos algumas.

No início da película, dois momentos são destaque: o primeiro foi o anúncio por Frederik de Klerk, em 1990, da libertação do líder sul-africano; e o segundo, sua vitória nas eleições diretas para presidente da África do Sul, em 1994, quando, em pronunciamento público de posse, discursou para milhares de pessoas e enunciou: “Nunca mais, este belo país sofrerá a experiência da opressão de uns sobre outros, *ou sofrerá a indignidade de ser visto como a escória do mundo*” (Grifo nosso). Notadamente, a metáfora de precisão apontada aqui denuncia o início de um novo tempo político e social naquele país, em que a autoestima de seu povo, a prosperidade econômica e as alianças políticas com outras nações seriam metas de primeira ordem de *Madiba* (pseudônimo atribuído a Nelson Mandela por sua comunidade africana de origem).

Ao assumir a presidência da África do Sul, em seu primeiro dia de trabalho, Nelson Mandela solicitou à sua secretária que reunisse todos os funcionários de seu antecessor em uma sala para lhes falar. Caminhando pelos corredores do prédio do governo e interpelado por um de seus seguranças particulares sobre os cuidados com sua integridade física e a necessidade de se proteger, Mandela fala: *“Eu não posso falar com eles cercado por homens armados”* (Grifo nosso). Uma das mais significativas enunciações metafóricas do filme, que trata da tentativa de diminuir a lacuna existente entre o líder e os *africaners*. É um exemplo de metáfora subjetiva, conforme os estudos de Meisuri e Busmin Gurning (2012) e Theresia e Meisuri (2013).

Ainda, nessa cena, em meio à sua exposição de motivos voltada para a permanência desses mesmos funcionários em seu governo, propondo um trabalho compartilhado, unido e igualitário, o presidente fala:

[...] se vocês sentirem no coração que não podem trabalhar com o novo governo é melhor partir mesmo, mas precisamos de sua ajuda, e se quiserem ficar, peço apenas que façam o melhor trabalho que puderem, e de boa vontade, pois eu farei o mesmo. E, *se conseguirmos isso, nosso país será um belo exemplo para todo o mundo.*” E continua: *“O passado é o passado, olhamos para o futuro, agora”*. (Grifo nosso)

Após esse momento, alguns seguranças *africaners* foram designados para trabalhar junto aos seguranças negros e assim se apresentaram ao chefe da segurança presidencial, Jason, homem negro e ainda ressentido com o tratamento recebido pelos *africaners* durante o *apartheid*. Surpreso e desapontado, vai ao encontro do presidente para pedir explicações, e a justificativa que houve é a seguinte: *“A nação do arco-íris começa aqui. A reconciliação começa aqui. [...] o perdão começa aqui também. O perdão liberta a alma, ele afugenta o medo,* por isso é uma arma tão poderosa”. (Grifos nossos)

Estas são metáforas simbólicas que induzem à perspectiva de prosperidade que a África do Sul poderia ter com os novos tempos pós-*apartheid*, sobretudo pelo trabalho compartilhado, sem vinganças, sem dar continuidade a processos de apartação.

Entusiasmado com as possibilidades de potencializar a aproximação entre negros e brancos naquele país, utilizando o *rugby* como mediador socializante do processo de apartação ainda em voga, Nelson Mandela prontamente entrevistou, ao ser informado sobre a decisão do CNE (Conselho Nacional de Esportes) de eliminar as cores, o nome e o emblema dos *Springbocks* como forma de mudar a identidade da equipe nacional de *rugby*, pois a consideravam a imagem do seu opressor *africaner*. O presidente pediu ao conselho que reconsiderasse a decisão. E sua justificativa foi:

Nossos inimigos não são mais os africaners, eles são nossos colegas sul-africanos, nossos parceiros na democracia. Eles veneram os *Springbocks*. Se nós os tirarmos, nós os

perdemos e provaremos que somos o que eles temiam que fossemos. Temos que ser melhores que isso. Temos que surpreendê-los com compaixão, controle e generosidade. Eu sei de todas as coisas que eles nos negaram, mas este não é o tempo de exercermos vingança mesquinha. *Esse é o tempo e erguermos nossa nação usando cada tijolo disponível para nós, mesmo que o tijolo venha pintado de verde e ouro.* Vocês me elegeram seu líder. Deixem-me liderá-los. Quem está comigo? Quem está comigo? (Grifos nossos)

Inicialmente temos uma metáfora de precisão que substitui o indicativo de inimigo pelo de irmão, com extensão para toda a África do Sul. Posteriormente, percebemos uma metáfora passiva onde a nação sul-africana é referida diretamente através de um referente convencional e sentido fixo, o tijolo – construtor de edificações, metaforicamente representando pessoas – construtoras de nações, ou seja, tema e veículo paralelamente articulados.

Ainda, desenvolvendo as discussões nessa mesma temática, Nelson Mandela articula um pensamento estratégico junto a sua secretária pessoal, Brenda, que questiona sua intervenção para manter nome, cores e emblemas da equipe nacional. E assim, a responde: “Se nós tirarmos o que eles valorizam, os *Springbocks* e o hino nacional, *só reforçaremos o círculo do medo entre nós. Farei o possível para acabar com esse círculo ou ele nos destruirá*”. (Grifo nosso)

Essa metáfora subjetiva apresenta a mudança de posicionamento político do presidente sul-africano que não mais opta pela apartação, pela vingança, pela manutenção de estruturas identitárias que diferencia brancos e negros, ao contrário, quer finalizar um processo circular em que brancos e negros se odeiam e iniciar um percurso em que todos participem juntos da construção de uma ressignificada África do Sul.

A eleição de Nelson Mandela para presidente da África do Sul não o fez um líder sem oposição. Na TV, um programa esportivo, declaradamente pessimista quanto à evolução da equipe de *rugby* nacional, que apresentava sempre um discurso de dúvidas, entrevistou Nelson Mandela, que indagado pelo fato de que na prisão, torcia contra os *Springbocks*, responde com a seguinte metáfora aproximada: “*Se eu não posso mudar junto com as circunstâncias, como posso esperar isso dos outros?*” (Grifo nosso)

Desta forma, percebemos que o uso de metáforas no discurso do presidente sul-africano é recorrente e caracteriza a utilização desse recurso de linguagem como potente mediação ideológica nos entre lugares do fazer político de uma nação em processo de ressignificação. Por fim, relacionamos uma última metáfora subjetiva utilizada por Nelson Mandela em conversa com um de seus assessores que insistia em defender um posicionamento de conformação quanto às conquistas já alcançadas pela equipe até então. O presidente demonstra ainda não estar satisfeito e diz: “*Este país tem fome de grandeza*”. (Grifo nosso)

Conclusões

O filme *Invictus* é fiel à narrativa do livro de Carlin (2009), que traz uma dicotomia clara, a de que o *rugby* é branco, elitista e segregador, enquanto o futebol é negro, popular e inclusivo. Nas metáforas encontradas no filme e nas expostas nesse texto, percebemos que Mandela seria o único elo entre as atividades elitistas e as populares. Contudo, precisaria de um evento espetáculo para agregar a minoria branca, ainda detentora de elevado grau de poder, o povo negro agora com um representante no poder político. Por isso, percebemos que as estratégias políticas são recorrentes no filme como na fala de Mandela: “Ao abrirem os esportes para os negros, eles estão pagando um preço; ao dizermos que agora temos que apoiar o time de rúgbi, estamos pagando um preço. É isso que devemos fazer.” (CARLIN, 2009, p.205)

Ao se envolver nas relações provenientes de uma modalidade esportiva tipicamente branca, visando a agregação entre estes e os negros poderia até parecer impulsivo e ingênuo, contudo, percebemos uma atitude de racionalidade política perspicaz apostar na máxima da integração racial por meio do esporte.

Concluimos que a tentativa de criar um sentimento de pertencimento nacional, com o ideal de igualdade racial potencializado por meio do esporte é uma das características que apresentam Nelson Mandela como um visionário, de negritude conciliadora que se relaciona com uma branquitude solidária do capitão dos *Springbocks*, Piennar. Branquitude considerada a partir da defesa de Frankenberg (1997, p. 1, tradução nossa) que a considera como “conjuntos de fenômenos locais complexamente arraigados na trama das relações socioeconômicas, socioculturais e psíquicas [...], um processo, não uma ‘coisa’” que nos remete a uma representação de superioridade eurocêntrica. Podemos perceber esse contexto quando, na final do Campeonato Mundial de *Rugby*, o presidente fala ao capitão da equipe: “François, seu país se orgulha muito de você. Boa Sorte”.

A película tem um forte apelo social que revela um líder negro em ascensão política, que projeta numa equipe de *rugby* seus ideais de união entre negros e brancos, reforçando sua imagem de liderança frente a população. Assim, como afirma Carlin (2009, p. 261) “De seus efeitos heróicos, emerge a vitória tanto do time, como da Nação. E, enfim “a África do Sul finalmente era um só país”.

Essa visão romântica ficcional em que o esporte é o agente propulsor das mudanças sociais, da diminuição da violência, do fim a segregação e da promoção da paz, confronta-se com a crítica política que enxerga o uso do esporte espetáculo como estratégia de manutenção do poder político vigente, ocultando uma situação ainda real naquele país, onde a desigualdade racial ainda existe e a sensação de igualdade habita apenas o imaginário social. Acreditamos que a filme reduz toda a

perspectiva de sucessão de um regime de exclusão racial por um democrático, às vitórias do esporte de brancos do país. Pensamos que como entretenimento é prazeroso, mas limitado como experiência histórica e política, pois a reconciliação política na África do Sul ainda está em processo.

Enfim, percebemos que o contexto metafórico identificado nos diálogos do filme *Invictus* é tributário de uma das principais características do esporte enquanto espetáculo, a de que este pode ser usado como veículo de propaganda ideológica, a exemplo das Olimpíadas de Berlim, em 1936 e na década de 1950, com o desenvolvimento da Guerra Fria, entre americanos e soviéticos, onde no terreno esportivo que ambos se enfrentaram e construíram suas vitórias, nos anos 1990, isso também pôde ser retratado no filme analisado, exemplificando na vida real e na ficção o grande potencial ideológico que o esporte possui.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Arte retórica arte poética*. São Paulo: DIFEL, 1964.

BUARQUE, Cristovam. *O que é apartação: o apartheid social no Brasil*. São Paulo: Brasiliense coleção Primeiros Passos, 1993, p. 11.

CARLIN, J. *Invictus. Conquistando o Inimigo: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul*. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CASTELLS, Manuel. *The information age: economy, society and culture*. Cambridge, Blackwell Publishers Inc. 1996.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? *Ciberlegenda*. n. 5, 2001.

FRANKENBERG, Ruth. *Displacing Whiteness: essays in social and cultural criticism*. Durham, NC: Duke, 1997.

GOATLY, A. *The language of metaphor*. New York: Routledge, 1997.

INVICTUS. Filme Longa Metragem. DVD. Direção: Clint Eastwood. Interpretes: Morgan Freeman, Matt Damon e outros. Produção: EUA: Warner Brothers, 2009. 134 min.

KELLER, Bill. *Entering the Scrum*. Sunday Book Review. The New York Times. Published: August 15, 2008. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2008/08/17/books/review/Keller-t.html>>. Acessado em 10 fev 2014.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Conceptual metaphor in everyday language. *Journal of Philosophy*. 77, 1980. p. 453-486.

LESZ, B. *An analysis of metaphors In the speeches of Barack Obama*. Universitetet I Tromsø, 2011.

MEISURI, M.A; BUSMIN GURNING, M. The use of metaphor in Invictus film. Digital Repository: *Universitas Negeri Medan*, 2012.

PALUMBO, Renata. A argumentação na mídia: um estudo sobre a metáfora. *Linha d'água* (USP), v. 19, 2006. p. 41-52.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *O estado espetáculo*. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

THERESIA, T; MEISURI, M. The use of metaphor in invictus film. *Linguistica*. v. 2, n. 2, 2013.